

O folheto da literatura de cordel como mídia informativa sobre a dengue: uma análise de conteúdo na perspectiva da comunicação pública¹

Alberto PERDIGÃO²
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O artigo se localiza no campo da folkcomunicação. Analisa o conteúdo de folhetos da literatura de cordel que tratam do tema dengue. Admite, como pressupostos, que (1) o folheto informativo da literatura de cordel é alternativo, popular e contra-hegemônico, e que (2) as narrativas apresentadas nos referidos folhetos ampliam a difusão de informações relacionadas à doença, junto ao público leitor ou ouvinte da literatura de cordel, assumindo, desta forma e em parte, o papel da comunicação pública em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; literatura de cordel; folheto informativo; comunicação pública; dengue.

Introdução

Quando este artigo começou a ser escrito, no dia 11 de abril de 2024, o portal de notícias do Governo Federal, o Agência Brasil, informava que “autoridades sanitárias confirmaram 363 mortes por dengue no Brasil” (BRASIL/EBC/AGÊNCIA BRASIL, *on-line*)³. “Há ainda 763 óbitos em investigação e que podem ter sido causados pela doença, totalizando 1.126 mortes confirmadas ou suspeitas até o momento”, completava a notícia baseada na contagem do Painel de Monitoramento das Arboviroses do Ministério da Saúde e que se referia a um período de pouco mais de quatro meses - de 1 de janeiro a 8 de abril de 2024.

Segundo o portal, “o país contabilizava naquele momento 1.342.086 casos de dengue e um coeficiente de incidência da doença de 660,9 casos para cada grupo de 100 mil habitantes”, indicando mais um surto da doença, desta feita atingindo severamente os estados de Minas Gerais, com 464.223 casos prováveis, seguido de São Paulo (238.993), Paraná (128.247) e do Distrito Federal (122.348), respectivamente das regiões Sudeste, Sul

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor-convitado de Gestão da Comunicação Comunitária e Alternativa do MBA Gestão da Comunicação e Assessoria da Universidade de Fortaleza, e-mail: aperdigao13@gmail.com.

³ Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-03/brasil-tem-quase-mil-mortes-por-dengue-em-investigacao#:~:text=ouvir%3A,ou%20suspeitas%20at%C3%A9%20o%20momento>. Acesso em: 11/04/2024.

e Centro-Oeste. Entretanto, desde a década de 1980, “a dengue vem ocorrendo no Brasil de forma continuada” (BRASIL/FIOCRUZ, *on-line*)⁴, atingindo também as regiões Norte e Nordeste.

A cada novo surto de dengue, a União e os governos estaduais investem em campanhas publicitárias de cunho educativo, as quais se localizam no campo da comunicação pública. O objetivo recorrente é informar sobre como se proteger da doença e sobre como buscar atendimento e cura. Os meios de comunicação de massa e da internet, quase que inteiramente privados no Brasil, participam paralela e espontaneamente do esforço de comunicação pública, prioritariamente atualizando a evolução ou o declínio do número de casos e óbitos, e alertando a população mais vulnerável. Pode que ambos esforços não alcancem todos os públicos com a mesma efetividade pretendida, questão que não está no foco deste trabalho, mas que poderia motivar outra investigação.

É o que se pode intuir observando os números de casos e de mortes, a extensão das áreas atingidas e a duração do patamar crítico do surto; a invencível má destinação de resíduos sólidos nas cidades e negligência com os reservatórios de água dentro de casa; a falta de vacinas para todas as faixas etárias e a sobra de doses nos postos para as faixas convocadas a tomar o imunizante (BRASIL/MINISTÉRIO DA SAÚDE, *on-line*)⁵; a subnotificação e a automedicação, por parte dos doentes; a demanda superaquecida e os diagnósticos equivocados no sistema público de saúde. E, então, o mosquito segue vencendo o Estado, o mercado e a sociedade.

Nos dois casos, também se observa que os fluxos comunicacionais são predominantes verticais. Partem dos gabinetes da burocracia estatal ou das redações rumo aos territórios, às vezes, isolados e empobrecidos, onde a informação circula fortemente pela oralidade - não só pela leitura ou pela comunicação massiva - e pelas redes sociais reais do território - não só pelas redes sociais virtuais do não-território proporcionadas pela internet. Desconhecem ou desconsideram, via de regra, outras possibilidades, talvez mais efetivas, oferecidas pela folkcomunicação e suas múltiplas possibilidades (BENJAMIM, 2013; LUYTEN, 2013; PERUZZO, 2022), notadamente as de caráter folkcomunicacional.

⁴ Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>. Acesso em: 11/4/2024.

⁵ Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/ministerio-da-saude-elabora-estrategia-para-redistribuicao-das-vacinas-da-dengue>. Acesso em: 15/04/2024.

O presente artigo traz, como primeira premissa, a compreensão de que a comunicação pública tem como proponente e protagonista o poder público - Executivo, Legislativo e Judiciário -, para assegurar a informação de caráter público, a expressão da cidadania e o diálogo público político entre o Estado e a sociedade - como previsto em legislação específica no Brasil; e tendo, como “expectativas”, alimentar o conhecimento cívico, facilitar a ação pública e garantir o debate político (ZÉMOR, 2003).

‘Alimentar o conhecimento cívico’ (...) é fazer o cidadão reconhecer-se como parte num diálogo, como também sujeito, e não só objeto de uma comunicação; (...) um interlocutor com consciência cívica que o faz falar e também de eventuais silêncios do governo ou do Estado. ‘Facilitar a ação pública’ é estabelecer um campo fértil de interlocução e, portanto, favorável à elaboração, realização, avaliação e à realimentação de políticas públicas (...). ‘Garantir o debate político’ (...) é estimular o confronto de ideias (...) entre os poderes públicos e os cidadãos (...). (PERDIGÃO, 2010, p. 96-97).

Como segunda premissa, o artigo oferece o entendimento de que o folheto informativo da literatura de cordel (também chamado de acontecidos, de circunstância, de ocasião) é uma mídia folkcomunicacional alternativa, popular e contra-hegemônica, frente aos meios de comunicação de massa tradicionais (PERDIGÃO, 2022). É informativa porque trata dos mesmos fatos e temas da mídia tradicional, e sob os mesmos critérios de noticiabilidade. É alternativa porque se apresenta como um outro jornal; é popular porque é uma elaboração do povo, para o povo e com o povo; e contra-hegemônica porque é resistente, na forma e no conteúdo, no mister de narrar a vida sob a ótica não-elitista, não opressora.

[A folkcomunicação] congrega significativas camadas da sociedade seja rural, seja urbana, alienada do processo desenvolvimentista e que utilizam meios de folk para a expressão de suas informações, ideias e anseios, como os folhetos de cordel, as cantorias, os contos, as danças, os autos populares, a talha, a cerâmica. São grupos culturais marginalizados intelectual, econômica e geograficamente e/ou grupos urbanos socialmente marginalizados, ora pelo reduzido poder aquisitivo de sua renda econômica que não lhes permite o acesso aos meios citados, ora por contestação à cultura ou à organização social estabelecida (...). (BELTRÃO, 2013, p. 512).

Este mergulho investigativo qualitativo tem como objeto de estudo o folheto informativo de saúde que aborda a doença dengue. Pergunta-se de que tratam os folhetos sobre dengue, tendo, como pressuposto, que as narrativas apresentadas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública no público leitor ou ouvinte da literatura de cordel. Usa-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como

critérios as seguintes palavras (ou ideias relacionadas): *mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia*. Antes, entretanto, de forma paralela e sem prejuízo ao caráter qualitativo da investigação, busca-se mensurar a proporção de folhetos publicados como instrumentos de comunicação pública frente aos publicados por iniciativa particular.

A amostra

A presente análise de conteúdo foi realizada sobre a amostra de 16 folhetos da coleção particular do autor. Os livretos foram publicados em cinco diferentes estados de quatro regiões, a saber: Ceará, com seis exemplares, seguido de Pernambuco (5), Rio de Janeiro (3), Distrito Federal (1) e Pará (1). Os folhetos foram publicados em épocas distintas, sendo o mais antigo datado de 1998, período da primeira epidemia contemporânea, e o mais recente publicado em 2017. Os demais anos de publicação, 2002 (2), 2004 (1), 2007 (1), 2008 (2), 2009 (1) e 2016 (2), coincidem com períodos em que se verificou grande número de casos de dengue na região de atuação do poeta-repórter. Cinco dos folhetos foram publicados sem data.

A amostra é formada pelos seguintes folhetos: *A Dengue Judia e Mata: como evitar?*, de Zé Govim (32 estrofes em sextilhas); *A Dengue tá aí*, de Antônio Amorim Pereira (16 versos em sextilhas); *A Peleja de Zé Dengoso contra a Política do Veneno*, de Hércules Amorim e Lia Giraldo (12 estrofes em décimas); *Aedes Aegypti: o mosquito da dengue*, de Abraão Rodrigues (60 estrofes em sextilhas); *Cordel de Combate à Dengue*, de Altair Leal (16 estrofes em décimas); *Cuidado! Ele Pode te Ferroar!!!*, de Francisco Zênio (26 estrofes em sextilhas); *Defenda-se contra o Dengue*, de Manoel Santamaria (24 estrofes em sextilhas); *Dengue, né Brinquedo Não!!*, de Pedro Ernesto de Jesus (22 estrofes em septilhas); e *Dengue: Vamos Combater!*, de Rivani Nasario (24 estrofes em septilhas).

A lista continua com *Dengueladen: O Mosquito Está Mais Forte*, de Davi Teixeira (24 estrofes em sextilhas); *Diálogo do Pescador sobre o "Aedes aegypti"*, de Jota Gomes (24 estrofes em sextilhas); *Guerra ao Mosquito*, de Ducarmo Souza (27 estrofes em septilhas); *Guerra contra a Dengue*, de Dodó Félix (32 estrofes em sextilhas); *O Mosquito da Dengue em Literatura de Cordel*, de José Evangelista (32 estrofes em sextilhas); *Para Combater a Dengue, Zica e Chikungunya o Remédio é a Prevenção*, de Gerardo Carvalho Frota (38 estrofes em sextilhas); e *Vamos Evitar a Dengue*, de José João dos Santos (32 estrofes em septilhas). Em toda a amostra, apenas um folheto teve patrocínio público.

Os folhetos da amostra trazem na capa títulos palavras ou expressões que remetem à apresentação do mosquito transmissor da dengue e dos riscos de expandir a infecção (a dengue tá aí, né brinquedo não, o mosquito está mais forte); que fazem um alerta para o risco da doença e para a necessidade de preveni-la (cuidado, defenda-se, como evitar, vamos evitar); e que conclamam os leitores e ouvintes a se engajarem num enfrentamento de vida ou morte (vamos combater, para combater guerra ao mosquito, guerra contra a dengue). As capas apontaram a oportunidade de considerar seis critérios de análise, a saber: *mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia*.

O que dizem os folhetos sobre dengue

Dez dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *mosquito*. Por este critério, extraíram-se dados sobre o inseto, o transmissor. Em *Diálogo do Pescador sobre o “Aedes aegypti”*, para apresentar “um bicho que assombra”, o poeta-repórter narra uma conversa cotidiana ocorrida numa região praiana, entre um pescador-comerciante e um popular. Os trechos apresentados como dados, a seguir, estão transcritos conforme o original.

Disse Chico: O ser humano
É mesmo muito esquisito
Adoça água do mar
Põe satélite no infinito
Tira energia do vento
E não domina um mosquito

Hoje não se ouve mais
Falar em “bicho papão”
Fantasma de encruzilhada
Lobisomem e batatão
Mas tem um bicho que assombra
Da criança ao ancião

Um tal de aedes aegypti
Que percorre continentes
Provocando muitas mortes
Deixando muitos doentes
Desafiando a ciência
Dos homens inteligentes

Um vivente tão pequeno
Que não pesa um miligrama
Não mede meio centímetro
Não tem couro nem escama
Mas de tanto causar pânico
Já está criando fama

Por onde o aedes passa
Com seu ataque sinistro
Preocupa Presidente
Governador e Ministro
Sua existência revela
Um negativo registro

Secretário de Saúde
Treme só de ouvir falar
Agentes de endemias
Pede pro povo ajudar
Até as forças armadas

Já tiveram que atuar (GOMES, s/d, p. 2-4).

Onze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *doença*, aqui significando a sintomatologia apresentada pelo infectado. Em *Guerra contra o Mosquito*, o poeta-repórter descreve sintomas do corpo e do ânimo, e afirma que “o paciente imagina que está prestes a morrer”. Não é possível afirmar, mas, embora escritos em terceira pessoa, os versos, dado o realismo que sugerem, parecem ter surgido da experiência de um poeta-repórter acometido pela doença.

Não estamos resguardados
da picada traiçoeira...
De repente, eis os sintomas:
dor de cabeça, tonteira,
febre alta com fastio
e no corpo uma canseira.

Todo o dia, a noite inteira,
dói o corpo e, um momento,
exausto, o doente busca
minorar o sofrimento...
Mas descobre que é melhor
não tomar o medicamento.

Não tem gosto o alimento
que nem na garganta não passa.
Tudo gira ao seu redor,
a dor o corpo transpassa.
E o mundo fica embaçado
como se envolto em fumaça.

Com a consciência a lassa,
vai-se o gosto de viver.
Ausenta-se a alegria
pra dá lugar ao sofrer.
O paciente imagina
que está prestes a morrer.

Assim, nesse padecer,
passa horas, passa dias.
Horas longas, nebulosas,
noites insones, sombrias.
Parecem não ter mais fim
as terríveis agonias.

Arrastam-se vários dias,
até que haja uma melhora.
E durante esse período
a vida corre lá fora,
pois o tempo implacável,
por nós passa e vai embora. (FÉLIX, 2002, p. 4-5).

Quatorze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *prevenção*, aqui significando os meios indicados pelas autoridades sanitárias à população para reduzir a infestação do mosquito e/ou a sua picada. Em *Para Combater a Dengue, Zica e Chikungunya o Remédio é a Prevenção*, quatorze estrofes são destinadas ao assunto. Aqui são transcritas seis que ensinam como “evitar que o mosquito tenha proliferação”. Observe-se que o poeta-repórter se dirige diretamente ao leitor ou ouvinte do folheto.

Vamos agora aos cuidados
De controle e prevenção
Que você e a comunidade
Devem colocar em ação
Para evitar que o MOSQUITO
Tenha proliferação.

Vasos de plantas com água
Se você quiser cultivar
Por cima da água areia
Grossa deve colocar.
Desse berço do mosquito
Na certa vai se livrar

Se as garrafas tão sem uso
Têm que ser esvaziadas
E em lugares bem cobertos
Elas devem ser guardadas
E pra maior segurança
Devem ficar emborcadas.

(...)

Tem agora um repelente
Bem fácil de preparar
Meio litro de álcool e 10 gramas
De cravo e é só agitar
Deixe 4 dias curtindo
Nas pernas braços passar.

(...)

Quem bebe água de pote

Deixe a boca bem coberta
Com uma touca amarrada
Seja uma pessoa esperta.
Pois o mosquito anda doido
Pra encontrar uma boca aberta.

(...)

Mantenha seu quintal limpo
E a caixa d'água vedada
Quando o Agente Sanitário
Em seu lar fizer parada
Acolha-o deixando-o entrar

E siga a orientação dada. (FROTA, 2017, p. 5-6; 7; 8).

Onze dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *combate*, aqui significando as providências das autoridades sanitárias para reduzir a infestação do mosquito, os números de casos da doença e de mortes. Em *Dengue, Né Brinquedo Não*, o poeta-repórter registra em linguagem matuta, num misto de alívio e esperança, o trabalho de administrar larvicida nas casas e de orientar os moradores, feito pelos agentes de combate a endemias. Em *Guerra ao Mosquito*, a poeta-repórter registra com descrédito a participação das Forças Armadas no combate ao mosquito transmissor. E em *Vamos Evitar a Dengue*, o poeta-repórter relata a falta de estrutura do sistema público de saúde para socorrer os doentes.

Cumeçô amiorá
aquela cituação
nóis mandemo o home entrá
cum a lanterna na mão
passô logo pu quintá
i cumeçô logo a butá
um pó nas coisa do chão
(...)

Aí quando foi lá pas tanta
I eu já tava mêi neivoso
o caba infim s'alevanta
i mim fala mêi jeitoso:
derrame as água dos lito
que isso é coisa do mosquito
aquele peste teimoso (JESUS, s/d, p. 7).

Os pelotões do Exército
Vão fazer a vistoria.
Em terrenos com sujeiras
Também em casa vazia.
Orientando as pessoas
A criar condições boas
Limpando sua moradia.
(...)

Tantos casos no Brasil
Já virou epidemia.
O mosquito agora ataca
De noite, também de dia.
Prevenção anunciada
Até as Forças Armada
Mas não se tem garantia. (SOUZA, 2016, p. 4; 6).

Seja razão seja medo
Nós temos que combater
Essa praga de mosquito
Que faz o povão sofrer
Por falta de atendimento
De médico e medicamento
Faz muita gente morrer

Vamos combater a dengue
Unidos todos iguais
Aterrando as poças da água
Pelas ruas e quintais
Que traz a epidemia
E faz crescer todo dia
As filas nos hospitais. (SANTOS, 2008, p. 5).

Três dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *tratamento*, aqui significando as terapias adequadas para amenizar os sintomas da dengue e prevenir o seu agravamento. Em *Cuidado! Ele Pode te Ferroar!!!*, a orientação é dirigida ao doente, para que “vá ao serviço de saúde” em busca de vacina e de medicação correta. Em *Defenda-se contra o Dengue*, vê-se um reforço do argumento contra a automedicação e a sugestão do uso da homeopatia prescrita por especialista. E em *A Dengue tá aí*, o poeta-repórter não só corrobora contra a automedicação, mas também recomenda repouso ao paciente.

Uma picada é tão fatal
Poderá no corpo aparecer
Manchas avermelhadas
Dias após dias a suceder
Vá ao serviço de saúde
E se vacine para não sofrer.
(...)
O soro tem efeito positivo
Sem dano colateral
Um coquetel antialérgico
É um tratamento medicinal
Corta e febre amarela
E a fraqueza em geral. (ZÊNIO, 1998, p. 6; 7).

Não tome anti-inflamatório,

Antibiótico ou coisa igual.
Deixe a critério do médico.
Ele é quem tem cabedal,
E os exames vão mostrar
A natureza do mal.

Dizem os especialistas
Do ramo da homeopatia
Que, no aumento das plaquetas
Sanguíneas que propicia
Esse tratamento inibe
O risco da hemorragia. (SANTAMARIA, s/d, p. 3-4).

E se você desconfiar
que está tocado dela
não tome qualquer remédio
pra não alimentar ela
repouse na sua rede
e saia só na janela
(...)
Repouso é fundamental
em sua recuperação
repouse e tome Tylenol
pra não ir pra escuridão
porque se ela voltar
você vai para o caixão (PEREIRA, s/d, p. 6; 7).

Três dos folhetos da amostra oferecem estrofes sobre o critério de análise *epidemia*, aqui significando a expansão ou a abrangência da doença. Em *Aedes Aegypti: O mosquito da Dengue*, o poeta-repórter fala da epidemia no Ceará, comparando o avanço da dengue a “uma enxurrada”. Em *O Mosquito da Dengue em Literatura de Cordel*, o poeta-repórter compara a “captura” de um “danado” que fez vítimas em Brasília, Rio de Janeiro e Recife. Em *A Peleja de Zé Dengoso contra a Política do Veneno*, os poetas-repórteres se referem a um mosquito que chegou ao Brasil pela Bahia, que provocou uma primeira epidemia em Roraima, que voltou à Bahia, para, depois, estar “em todo o Brasil”. Observe-se, neste caso, que é o mosquito quem fala, ele é o protagonista da narrativa.

A maioria das cidades
Do estado do Ceará,
Já foi total invadida
Mesmo assim sem se falar
Naquelas que imunes
Querem do mosquito safar.

A cifra é muito grande
De cidade infestada,

Novos casos vão surgindo
É ver uma enxurrada,
Com crescimento das águas
Numa grande disparada. (RODRIGUES, 2009, p. 13).

Até a Polícia Federal
Fez o retrato falado
O Exército saiu na captura
Do “Mosquitinho” danado
De Brasília foi ao Rio de Janeiro
E não foi capturado.

O “Mosquito” no Recife
Anda pintando miséria
Matou gente em San Martin
Mangueira e Casa Amarela
Pra eliminar o “Mosquito”
O “LAFEPE” fez uma vela. (EVANGELISTA, 2008, p. 5).

Começando a história do começo
Eu cheguei de mansinho, só no tombo
Escondido na esquadra de Colombo
Que a América virou pelo avesso.
Eu habitava em outro endereço
Os países de climas variantes
A Tailândia, viveiro de Elefantes
Todo o grande africano continente
Não é só o mosquito que é culpado
De transmitir a dengue pra essa gente.

Sou apenas um agente condutor
Desse vírus que estraga a alegria
Fui embora, mas voltei pra Bahia
E em Roraima a doença se alastrou
E se agora em todo Brasil estou
É porque alguém não teve clareza
De prever o pior e com presteza
Cuidar bem da saúde do doente
Não é só o mosquito que é culpado
De transmitir a dengue pra essa gente. (AMORIM; GIRALDO, 2004, p. 4)

Considerações finais

Este artigo tratou do folheto da literatura de cordel no seu papel de informar sobre as formas de prevenção e tratamento da dengue, que é do âmbito da comunicação pública em saúde, prevista em lei para ser executada pelo poder público.

Perguntou-se de que tratam os folhetos sobre dengue, tendo, como hipótese, que as narrativas apresentadas ampliam a difusão dos conteúdos divulgados pela comunicação pública no público leitor ou ouvinte da literatura de cordel.

A amostra de 16 folhetos foi construída a partir da coleção do autor. Usou-se, como metodologia, a análise de conteúdo, tendo como critérios seis palavras (ou sinônimos): *mosquito, doença, prevenção, combate, tratamento e epidemia*.

Da análise de conteúdo, observou-se que os seis assuntos-critérios estão contemplados na amostra, com *mosquito* em dez exemplares, *doença* em 11, *prevenção* em 14, *combate* também em 11 e *epidemia* em três.

Concluiu-se, desta forma, que o referido folheto cumpre a missão de informar sobre a doença, suas formas de prevenção e tratamento, confirmando, assim, a validade da hipótese de que narrativas apresentadas ampliam a difusão do conteúdo-objeto da comunicação pública.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Hércules; GIRALDO, Lia. **A peleja de Zé Dengoso contra a política do veneno**. S/d: s/d, 2004.

ATHAYDE, João Martins de. **A grande surra que o poeta Cordeiro Manso, de Maceió, levou de João Athayde por ter ido desafiá-lo**. Recife: edição do autor, 1923.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação popular e região no Brasil**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BELTRÃO, Luiz. **O folclore como discurso**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação: os veículos de manifestações da cultura popular**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamoforse da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BRASIL/EBC/AGÊNCIA BRASIL. **Brasil tem quase mil mortes por dengue em investigação**.

Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-03/brasil-tem-quase-mil-mortes-por-dengue-em-investigacao#:~:text=ouvir%3A,ou%20suspeitas%20at%C3%A9%20o%20momento>.

Acesso em: 11/04/2024.

BRASIL/FIOCRUZ. **Dengue: vírus e vetor**. Disponível em:

<https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>. Acesso em: 11/4/2024.

BRASIL/MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde elabora estratégia para redistribuição das vacinas da dengue.** Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/ministerio-da-saude-elabora-e-estrategia-para-redistribuicao-das-vacinas-da-dengue>. Acesso em: 15/04/2024.

EVANGELISTA, José. **O Mosquito da dengue em literatura de cordel.** Recife: edição do autor, 2008.

FÉLIX, Dodó. **Guerra contra a dengue.** S/d: s/d, s/d.

FROTA, Gerardo Carvalho (Pardal). **Para combater a dengue, zica e chikungunya o remédio é a prevenção.** Fortaleza: Edições Cecordel, 2017.

GOMES, Jota. **Diálogo do pescador sobre o “Aedes aegypti”.** Icapuí (CE): edição do autor, s/d.

GOVIM, Zé. **Dengue judia e mata: como evitar?** Crato (CE): Sesc Crato, 2016.

JESUS, Pedro Ernesto de M. **Dengue, né brinquedo não!!** Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, 2002.

LEAL, Altair. **Cordel de combate à dengue.** S/d: Paulista (PE): edição do autor, 2007.

NASARIO, Rivani. **Dengue: vamos combater!** S/d: Editora Coqueiro, s/d.

LUYTEN, Joseph M. **Conteúdo da comunicação popular.** IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira.* São Paulo: Editae Cultural, 2013.

PERDIGÃO, Alberto. **Comunicação pública e TV digital: interatividade ou imperatividade na TV pública.** Fortaleza: EDUECE, 2010.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel: o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica.** Fortaleza: RDS, 2022.

PEREIRA, Antônio Amorim. **A dengue tá aí.** Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, s/d.

PERUZZO, Maria Cicilia M. Krohling. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2022.

RODRIGUES, Abraão. **Aedes aejypti: o mosquito da dengue.** Juazeiro do Norte (CE): edição do autor: 2009.

SANTAMARIA, Manoel. **Defenda-se contra o dengue.** S/d: edição do autor, s/d.

SANTOS, José João dos (Mestre Azulão). **Vamos evitar a dengue**. S/d: edição do autor, 2008.

SOUZA, Ducarmo. **Guerra ao mosquito**. Belém: Isvã Editora, 2016.

TEIXEIRA, Davi. **Dengueladen**: o mosquito está mais forte. S/d: edição do autor, s/d.

ZÉMOR, Pierre. **La communication public**. IN: SILVA, Luiz Martins da (Org.). Comunicação pública. Brasília: Casa das Musas, 2003.

ZÊNIO, Francisco. **Cuidado!** Ele pode te ferrear!!!. Brasília: Edição do autor, 1998. GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed. USP, 2007.